

AMEAÇA À DIGNIDADE HUMANA: COMO O VATICANO PERCEBE TEORIAS DE GÊNERO

*Adilson Ventura da Silva*¹

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

*Gabi Bomfim Cruz*²

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

*Ananda Novaes Oliveira*³

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

Introdução

Questões envolvendo gênero e sexualidade têm sido amplamente discutidas em âmbitos acadêmicos, políticos, sociais e, especialmente, em âmbitos religiosos há décadas. Embora, em alguns desses espaços, haja uma persistente tentativa de desconstruir concepções tradicionais acerca de identidade, sexualidade e papéis sociais, em outros é possível perceber uma forte resistência em romper com o “normatizado” instaurado. Isso é o que se percebe, por exemplo,

¹ Doutor e Mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Possui graduação em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Guaxupé. Atualmente é professor titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia e professor do Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin) e do PROFLETRAS (Mestrado Profissional em Letras). É cofundador e coordenador do GEPES (Grupo de Estudo e Pesquisa em Semântica) e integrante do LED (Linguagem, Enunciação, Discurso). Endereço eletrônico: adilson.ventura@gmail.com

² Mestra e doutoranda em Linguística pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). Psicóloga pela Universidade Federal da Bahia campus Anísio Teixeira (UFBA IMS-CAT). Especialista em neuropsicologia pela Universidade Norte do Paraná (UNOPAR). Técnica em Meio Ambiente pelo Instituto Federal da Bahia (IFBA) e compositora registrada na União Brasileira de Compositores (UBC). Endereço eletrônico: psi.gabicruz@gmail.com

³ Graduanda do curso Licenciatura em Letras Modernas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus Vitória da Conquista - BA. Atualmente, é bolsista de Iniciação Científica na UESB. É membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Semântica (GEPES), no qual desenvolve o projeto "Os sentidos da palavra 'trabalho' em um livro didático". Endereço eletrônico: anadaoli1001@gmail.com

na Igreja Católica, que, desde os seus primórdios, sustenta uma concepção específica sobre esses temas. Segundo Teixeira Filho (2011), com base em interpretações bíblicas, a instituição chegou a condenar à morte pessoas acusadas de sodomia, visto que essas pessoas não cumpriam com as normas de sexo e gênero estipuladas por ela.

No dia 8 de abril de 2024, um novo documento publicado pelo Dicastério para a Doutrina da Fé reacendeu o debate envolvendo gênero e sexualidade. Trata-se da *Declaração Dignitas Infinita sobre a dignidade humana*, que se encarrega de discorrer acerca da dignidade, e, nela, “teorias de gênero” são colocadas como uma das graves ameaças à dignidade humana.

Diante disso, surge a pergunta: quais são os sentidos de “dignidade” e “teoria de gênero” no documento “Dignitas infinita”? Como objetivo principal, analisamos os sentidos dessas expressões no documento publicado e, para isso, mobilizamos os procedimentos de análise da Semântica Histórica da Enunciação, tais como reescrituração, articulação e Cena Enunciativa.

Metodologia

A Semântica Histórica da Enunciação estuda a questão dos sentidos na língua a partir de diálogos cruciais com Bréal, Benveniste, Ducrot e Análise de Discurso. Eduardo Guimarães (2005) afirma que ser semanticista é entender que os sentidos são construídos na linguagem; portanto, é seu papel analisar como eles se dão na forma como algo é dito na enunciação.

Guimarães (2005) afirma que só podemos analisar o sentido de um enunciado se considerarmos que ele integra um texto e que esta integração constitui o seu sentido e o sentido do texto. Assim, o sentido se dá a partir de relações estabelecidas entre expressões linguísticas, enunciados e textos. Para estudar o sentido, Guimarães (2009) propõe que se observem dois tipos de procedimentos enunciativos: a reescrituração e a articulação (Guimarães, 2009).

A reescrituração é o procedimento em que uma expressão retoma a outra, fazendo-a ser interpretada de forma diferente; já a articulação diz respeito às relações de contiguidade entre elementos linguísticos, de forma que se instauram sentidos (Guimarães, 2009).

Para Guimarães (2005), a questão da temporalidade também é central em suas análises semânticas. Segundo ele, um acontecimento de linguagem é um presente que abre uma latência de futuro e que tanto o presente do acontecimento quanto o futuro são afetados por um passado, um memorável.

Outro conceito incontornável é o de cena enunciativa, que diz respeito a modos de acesso à palavra. Pela cena enunciativa, pode-se identificar “aquele que fala” e “aquele para quem se fala” em um acontecimento de linguagem. As cenas enunciativas são compostas da seguinte forma: locutor (origem do dizer), alocutor-x (lugar social do dizer) e enunciador (modo de dizer) (Guimarães, 2018).

Nessa pesquisa, as análises foram conduzidas da seguinte forma: acessou-se o site oficial da Santa Sé, o www.vatican.va, e, a partir dele, foram escolhidos recortes em que se explicavam os sentidos de “dignidade” e “teoria de gênero”. Posteriormente, foram observadas as relações enunciativas de reescrituração e articulação e suas respectivas cenas enunciativas em cada um dos recortes.

Resultados e discussão

Iniciaremos analisando recortes do texto que explicam o que é a dignidade nesse documento.

Recorte 01:

1. (Dignitas infinita) Uma dignidade infinita, inalienavelmente fundada no seu próprio ser, é inerente a cada pessoa humana, para além de toda circunstância e em qualquer estado ou situação em que se encontre [...]. A Igreja, à luz da Revelação, reafirma absolutamente esta dignidade ontológica da pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus e redimida em Cristo Jesus [...] (Vaticano, 2024).

O termo dignidade se articula por dependência com *o infinito* e por incidência com *o inalienavelmente fundado no seu próprio ser*. É reescrita em elipse e se articula por incidência com *o inerente a cada pessoa humana*. Essas relações enunciativas fazem funcionar o sentido de que a dignidade é infinita, fundada no ser, é inerente à humanidade e faz parte de todos os seres humanos.

Logo após, a expressão *dignidade* é reescrita por repetição e se articula por dependência com *a ontologia da pessoa humana*, reforçando os sentidos de que a dignidade, nesse texto, diz respeito àquilo que é constituinte do “ser”. O grupo nominal “*Dignidade ontológica da pessoa humana*” se articula por incidência com *A Igreja, à luz da Revelação, reafirma absolutamente* e com clareza que a pessoa foi criada à imagem e semelhança de Deus e redimida em Cristo Jesus, produzindo efeito de que a dignidade é inspirada na revelação divina cristã que parte do princípio de que todos foram criados à imagem e semelhança de Deus e foram redimidos por Jesus Cristo. Em *a igreja reafirma*, percebe-se o funcionamento de um alocutor-igreja, ou seja, aquele que fala, fala do lugar social de igreja, diz pela igreja.

Assim, pode-se interpretar que é argumentado pelo alocutor-igreja que os humanos possuem uma dignidade ontológica, porque foram criados à imagem e semelhança de Deus. Ou seja, a dignidade, segundo a Igreja Católica, está relacionada a uma perspectiva criacionista e cristã da humanidade.

Recorte 02:

[...] Tudo isso nos leva a reconhecer a possibilidade de uma quádrupla distinção do conceito de dignidade: dignidade ontológica, dignidade moral, dignidade social e, enfim, dignidade existencial. [...] Quando se fala de dignidade moral, deseja-se referir ao exercício da liberdade por parte da criatura humana. Esta última, ainda que dotada de consciência, permanece sempre sujeita à possibilidade de agir contra ela. Fazendo assim, o ser humano se comporta de um modo que “não é digno” da sua natureza de criatura amada por Deus e chamada a amar os outros. Mas esta possibilidade existe. E não

só: a história atesta que o exercício da liberdade contra a lei do amor revelada pelo Evangelho pode alcançar picos incalculáveis de maldade provocada aos outros. Quando isso acontece, encontra-se diante de pessoas que parecem ter perdido qualquer traço de humanidade, qualquer traço de dignidade (Vaticano, 2024).

Neste segundo recorte, observa-se que a expressão *dignidade* também se articula por incidência com *quádrupla distinção do conceito de*, instaurando sentidos de que, para a Igreja, a dignidade seja de quatro tipos distintos. Assim, *dignidade* é reescriturada por enumeração em *dignidade ontológica, dignidade moral, dignidade social e, enfim, dignidade existencial*.

O grupo nominal "*Dignidade Moral*" é reescrito por definição em *exercício da liberdade por parte da criatura humana*. O grupo nominal "*criatura humana*", por sua vez, é reescrito por substituição em "*ser humano*", que se articula por incidência com *se comporta de um modo que "não é digno" da sua natureza de criatura amada por Deus e chamada a amar os outros*. Assim, no recorte, funcionam sentidos de que a dignidade moral é a liberdade dos seres humanos, desde que não seja utilizada para que se aja de forma não digna.

As expressões "*não é digno*" são reescrituradas por substituição em *liberdade contra a lei do amor*, que se articula por incidência com *picos incalculáveis de maldade provocada aos outros*. Essa relação enunciativa instaura sentidos de que agir de forma não digna é ir de encontro à "lei do amor", o que, segundo a Igreja, pode levar a humanidade a cometer maldades. As expressões "*liberdade contra a lei do amor*" também se articulam por incidência com "*Quando isso acontece, encontra-se diante de pessoas que parecem ter perdido qualquer traço de humanidade, qualquer traço de dignidade*", instaurando sentidos de que, quando uma pessoa utiliza sua liberdade e vai de encontro à lei do amor, ela perde seus traços de humanidade e dignidade.

Recorte 03:

8. [...] Quando se fala de dignidade social, quer-se referir às condições nas quais uma pessoa se encontra a viver. Na pobreza extrema, por exemplo, quando não se dão as condições mínimas para uma pessoa poder viver segundo a sua dignidade ontológica [...] A última acepção é aquela de dignidade existencial. Sempre mais frequentemente fala-se hoje de uma vida “digna” e de uma vida “não digna”. Com tal indicação, quer-se referir a situações de tipo existencial: por exemplo, ao caso de uma pessoa que, aparentemente tendo todo o necessário para viver, por diversas razões tem dificuldade de viver em paz, com alegria e esperança. Em outras situações, é a presença de doenças graves, de contextos familiares violentos, de certas dependências patológicas e de outras dificuldades que levam a experimentar a própria condição de vida como “indigna” diante da percepção da dignidade ontológica que jamais pode ser obscurecida (Vaticano, 2024).

Neste terceiro recorte, observa-se que *dignidade* se articula com *social*, formando um grupo nominal que é reescriturado por expansão em *"quer-se referir às condições nas quais uma pessoa se encontra a viver"*. Essa relação instaura sentidos de que se trata de outro tipo de dignidade, aquela relacionada às condições de vida. Abaixo, a expressão *dignidade* se encontra articulada por dependência com *ontológica*, e esse grupo nominal formado se articula por incidência com *Na pobreza extrema, por exemplo, quando não se dão as condições mínimas para uma pessoa poder viver segundo a sua*. Nessa relação enunciativa funcionam sentidos de que a pobreza extrema é um exemplo que afeta a dignidade ontológica. Portanto, é defendido que condições favoráveis à existência da dignidade ontológica dizem respeito à dignidade social.

A expressão *dignidade* também se articula por dependência com *existencial*, formando um grupo nominal que é reescriturado por expansão a partir de *querer se referir a situações de tipo existencial até com alegria e esperança*, instaurando sentidos de que a dignidade existencial pode ser ferida mesmo com a dignidade social respeitada, pois a pessoa ainda pode experimentar falta de paz e bem estar. Esse grupo nominal

também é reescriturado por expansão a partir da *presença de doenças graves*; até *podem ferir esse tipo de dignidade*, funcionando assim sentidos de que doenças, experiências de violências e dependências podem fazer com que a pessoa não tenha uma dignidade existencial.

Recorte 04:

Índice: 4. Algumas graves violações da dignidade humana: O drama da pobreza; A guerra; O sofrimento dos migrantes; O tráfico de pessoas; Abusos sexuais; As violências contra as mulheres; Aborto; Maternidade sub-rogada; Eutanásia e suicídio assistido; O descarte das pessoas com deficiência; Teoria de gênero (gender); Mudança de sexo; Violência digital (Vaticano, 2024).

Acima, a expressão *dignidade* se articula por incidência com *humana*, formando um grupo nominal que se articula também por incidência com *graves violações*, instaurando sentidos de que, nesse índice, serão listadas algumas das violações da dignidade, segundo a Igreja.

O grupo nominal *Graves violações da dignidade humana* é reescriturado por enumeração em: *o drama da pobreza; A guerra; O sofrimento dos migrantes; O tráfico de pessoas; Abusos sexuais; As violências contra as mulheres; Aborto; Maternidade sub-rogada; Eutanásia e suicídio assistido; O descarte das pessoas com deficiência; Teoria de gênero (gender); Mudança de sexo; Violência digital*.

A partir dessa relação de reescrituração, podemos interpretar que todos os elementos enumerados são grandes violações da dignidade humana. Essa reescrituração instaura sentidos de que teoria de gênero pertence à mesma categoria de aborto, violência contra mulheres, tráfico de pessoas, ou seja, é uma violação da dignidade humana de mesma natureza.

Recorte 05:

Teoria de Gênero (Gender): A Igreja deseja, em primeiro lugar, «reafirmar que cada pessoa, independentemente da própria orientação sexual, deve ser respeitada na sua dignidade e acolhida com respeito, cuidando de evitar “toda marca de injusta

discriminação” e particularmente toda forma de agressão e violência».[100] Por esta razão, denuncia-se como contrário à dignidade humana o fato de que, em alguns lugares, não são poucas as pessoas encarceradas, torturadas e até mesmo privadas da vida unicamente pela sua orientação sexual (Vaticano, 2024).

Considerando que seja um objetivo do trabalho analisar os sentidos de *teoria de gênero* no documento, também serão analisados recortes nos quais as “teorias de gênero” e sua relação com a dignidade humana são explicadas no texto.

No quinto recorte, identificamos que o grupo nominal “*teoria de gênero*” é reescriturado por expansão. Em *a Igreja deseja*, conjecturamos que o falante enuncia como *a igreja*, o que nos leva a considerar que funciona, no recorte, um alocutor-igreja. As expressões “*A igreja deseja se articular*” por incidência com os enunciados que vão desde *reafirmar que cada pessoa até toda forma de agressão e violência*. Essa relação de articulação instaura sentidos de que a Igreja, enquanto instituição, deseja que as pessoas sejam acolhidas com respeito e sejam respeitadas em sua dignidade, independentemente de sua sexualidade, assim como também se opõe à discriminação e à violência.

Todo esse trecho analisado é reescriturado por condensação em *razão*, que, por sua vez, se articula por incidência com *este* e com *denuncia-se como contrário à dignidade humana o fato de que, em alguns lugares, não são poucas as pessoas encarceradas, torturadas e até mesmo privadas da vida unicamente pela sua orientação sexual*. Nesse trecho, é argumentado, pelo alocutor-igreja, que a violência contra pessoas em razão de sua orientação sexual é contrária à dignidade humana, o que nos leva a considerar que, em *contrário à dignidade humana, funcionam* sentidos de ameaça à dignidade moral.

Recorte 06:

56. Ao mesmo tempo, a Igreja evidencia os intensos pontos críticos da teoria de gênero (gender). A tal propósito, o Papa Francisco recordou que: [...] Infelizmente, as tentativas realizadas nas últimas décadas para introduzir novos direitos,

não plenamente consistentes em relação àqueles originalmente definidos e não sempre aceitáveis, deram espaço às colonizações ideológicas, entre as quais tem um papel central a teoria de gênero (gender), que é perigosíssima porque cancela as diferenças na pretensão de tornar todos iguais» (Vaticano, 2024).

Aqui, há, novamente, o funcionamento do alocutor-igreja. A expressão "*Igreja*" aparece reescriturada por repetição, articulando-se com "*ao mesmo tempo e evidencia os intensos pontos críticos da teoria de gênero (gender)*", instaurando sentidos de que a Igreja é crítica à teoria de gênero e, *ao mesmo tempo*, é argumentado que criticar a teoria de gênero e se opor à violência em relação à orientação sexual são coisas diferentes. Portanto, é justificado que seja possível se opor às teorias de gênero e, ainda assim, condenar a violência contra pessoas de orientações sexuais diversas.

Infelizmente, as tentativas realizadas até colonizações ideológicas, funcionam no sentido de que a tentativa de dar mais direitos a seres humanos deu espaço a colonizações ideológicas. Portanto, é argumentado, pelo alocutor-igreja, que os direitos conquistados pela comunidade LGBT não são consistentes nem plenamente aceitáveis e que isso teria dado espaço a *colonizações ideológicas*, as quais, por sua vez, estabelecem uma relação de oposição de sentidos com a expressão *Revelação*.

A seguir, *colonizações ideológicas* se articulam por incidência, *entre as quais têm um papel central a teoria de gênero (gender)*, em que funcionam sentidos de que estudos sobre gênero são uma colonização ideológica. Nesse trecho, é dito, pelo alocutor-igreja, a partir de um enunciador-universal, que as ideias da Igreja sobre “gênero” e “sexo” não são ideológicas, portanto, seriam naturais e inerentes aos humanos.

No fim do recorte, *teorias de gênero* se articulam por incidência, o que *é perigosíssimo porque cancela as diferenças na pretensão de tornar todos iguais*, relação em que funcionam sentidos de que as teorias de gênero são perigosas, ao terem a pretensão de tornar todos iguais.

Recorte 07:

[...] a Igreja recorda que a vida humana, em todos os seus componentes, físicos e espirituais, é um dom de Deus, que se deve acolher com gratidão e colocar a serviço do bem. Querer dispor de si, como prescreve a teoria de gênero, independentemente desta verdade basilar da vida humana como dom, não significa outra coisa senão ceder à antiquíssima tentação do homem que se faz Deus e entrar em concorrência com o verdadeiro Deus do amor, revelado no Evangelho (Vaticano, 2024).

Neste recorte, em "*A Igreja recorda*", observa-se novamente o funcionamento de um alocutor-igreja. Essas expressões se articulam por incidência com os enunciados, desde *que a vida humana até a serviço do bem*. Assim, é argumentado, pelo alocutor, que as teorias de gênero vão de encontro à vida humana e seus componentes físicos e espirituais, ou seja, vão de encontro ao dom de Deus.

As expressões "*teorias de gênero*" são novamente reescrituradas por repetição e se articulam por incidência com *querer dispor de si e independentemente desta verdade basilar da vida humana como dom*. Assim, funcionam sentidos de que as teorias de gênero vão de encontro à verdade basilar de que a vida humana é um dom. Dessa forma, é dito não haver, na Igreja, uma "colonização ideológica", porque ela baseia sua noção de dignidade em uma verdade basilar.

Por fim, *querer dispor de si* também se articula por incidência com *não significar outra coisa senão ceder à antiquíssima tentação do homem que se faz 'Deus' e entrar em concorrência com o verdadeiro Deus do amor, revelado no Evangelho*. Aqui funcionam sentidos de que as teorias de gênero são resultado da tentação do homem de querer ser seu próprio deus e ir de encontro ao verdadeiro Deus do amor. Portanto, é alegado que o Deus da Igreja Católica é o único Deus verdadeiro e que exigir novos direitos com base em teorias de gênero significa ir de encontro ao *Deus do amor*. Assim, também funcionam, no texto, sentidos de que as teorias de gênero vão de encontro à dignidade moral.

Recorte 08:

58. Uma segunda observação sobre a teoria de gênero refere-se à sua tentativa de negar a maior das diferenças possíveis entre os seres vivos: a diferença sexual. Tal diferença fundante é não só a maior, mas a mais bela e a mais potente: na dualidade homem-mulher, ela alcança a mais admirável reciprocidade e é assim a fonte daquele milagre, que não deixa de surpreender-nos, qual é a chegada de novos seres humanos ao mundo (Vaticano, 2024).

Neste recorte, o grupo nominal *teoria de gênero* se articula por incidência com os termos "*tentativa de negar, maior das diferenças possíveis e 'seres vivos'*". Essas articulações instauram sentidos de oposição entre a teoria de gênero e uma estrutura considerada basilar da vida humana. A expressão *maior das diferenças possíveis* é reescriturada por definição em *a diferença sexual*, o que nos leva a interpretar que o enunciado posiciona a teoria de gênero como uma ameaça à tradição instituída pela doutrina católica, que distingue homem e mulher. A *diferença sexual*, por sua vez, é reescriturada por substituição no enunciado, *tal diferença fundante*, reforçando seu estatuto de pilar ontológico e simbólico da existência humana.

As expressões *diferença sexuais* se articulam por incidência com *a mais bela e a mais potente*, instaurando sentidos de que a dualidade homem-mulher é bela e potente, sendo que o argumento para isso é que é por essa dualidade que há a geração da vida, apresentada posteriormente como *milagre*. A expressão *Milagre* é uma reescrituração por definição, da *chegada de novos seres humanos ao mundo*, contrastando com a expressão *seres vivos*. Assim, a teoria de gênero, nesse recorte, é concebida como algo que fomenta a desestabilização da centralidade homem/mulher, posicionada em antagonismo à diferença sexual, exaltada como fundamento da reprodução humana e, como consequência, da dignidade humana. Assim, no enunciado, as teorias de gênero são rejeitadas e colocadas como ameaça à estrutura que sustenta a concepção católica de humanidade. Considerando os sentidos que funcionam nesse recorte, afirmamos que, em teorias de

gênero estão sendo recortados memoráveis de feminismo, teoria queer, etc.

Considerações finais

Em nossas análises, identificamos que a Igreja reconhece a dignidade humana em quatro tipos de dignidade diferentes: a ontológica, a moral, a social e a existencial. No texto, também funcionam sentidos de que as “teorias de gênero” são graves violações à dignidade humana, assim como a pobreza, a guerra, o tráfico de pessoas, os abusos sexuais, as violências contra as mulheres etc., colocando-as, inclusive, no mesmo patamar de violações à dignidade humana.

Vale salientar que, no documento, não é especificado o que seriam “teorias de gênero”; contudo, em alguns recortes, observamos sentidos de teorias de gênero relacionados à sexualidade e gênero. Para além disso, no texto, funcionam sentidos de que as teorias de gênero violam a dignidade ontológica dos seres humanos ao propor que a diferença sexual, criada por Deus, pode ser criticada. Elas são perigosas por tentarem transformar homens e mulheres em iguais.

Também funcionam sentidos de que as teorias de gênero violam a dignidade moral das pessoas, uma vez que, ideologicamente, fariam com que indivíduos fossem de encontro à sua própria dignidade ontológica, transformando-os em não dignos, não humanos, que querem ser o próprio Deus.

Observamos também que a Igreja considera as teorias de gênero como parte de uma colonização ideológica e, ao fazer isso, coloca a sua visão sobre a humanidade como um fato, como o natural.

Considerando esses sentidos, percebemos que, ao considerar a sua forma de ver o sexo e gênero como “não-ideológicos”, apaga-se o fato de que a forma pela qual a Igreja concebe a família e o gênero foi exportada para a América Latina por meio de um violento processo de colonização (Campuzano, 2008). Outra questão importante é que, ainda que as violências contra pessoas por causa de suas sexualidades,

sejam contrárias à dignidade humana, conforme observamos em Cruz (2024), as violências sofridas por pessoas LGBTQIAPN+ são a materialização dos sentidos heteronormativos que as sustentam. Portanto, ainda que a Igreja se oponha à violência contra essas pessoas, sua forma de conceber os corpos também está presente na forma como elas são violentadas, como no caso de Quelly, uma transexual brasileira assassinada (G1, 2019).

Também chama atenção o fato de que esse tipo de violência não consta no índice de “graves violações à dignidade humana”. Isso nos leva a concluir que, no texto, funcionam sentidos de que as teorias de gênero são mais agressivas à dignidade humana do que o encarceramento e assassinato de pessoas dissidentes da heteronormatividade, ainda que isso afete a dignidade existencial e social dessas pessoas.

Com isso, concluímos também que a noção de dignidade apresentada no texto é contraditória, pois não considera da mesma forma a dignidade de pessoas LGBTQIAPN+ e de pessoas que não são.

Referências

CAMPUZANO, Giuseppe. Recuperação das histórias travestis. In: CORNWALL, Andrea; JOLLY, Susie (org.). *Questões de sexualidade: ensaios transculturais*. Rio de Janeiro: ABIA, 2008.

COMPANHEIRO de travesti que teve coração arrancado diz que autor não pode viver em sociedade. *G1 Campinas e Região*, Campinas, 23 jan. 2019. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/campinas-regiao/noticia/2019/01/23/companheiro-de-travesti-que-teve-coracao-arrancado-diz-que-autor-nao-pode-viver-em-sociedade.ghtml>. Acesso em: 14 nov. 2025.

GUIMARÃES, Eduardo. Enumeração, funcionamento enunciativo e sentido. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 51, n. 1, p. 49–68, jan./jun. 2009.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do acontecimento: um estudo enunciativo da designação*. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2005.

GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica, enunciação e sentido*. Campinas, SP: Pontes, 2018.

TEIXEIRA FILHO, Fernando Silva. Homofobia e sua relação com as práticas “psi”. In: CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA DA 6ª REGIÃO (org.). *Psicologia e diversidade sexual*. São Paulo: CRPSP, 2011. p. 41–57. (Caderno Temático, 11).

VATICANO. *Declaração Dignitas infinita sobre a dignidade humana*.

Vaticano, 2024. Disponível em:

https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_ddf_doc_20240402_dignitas-infinita_po.html. Acesso em: 13 nov. 2025.